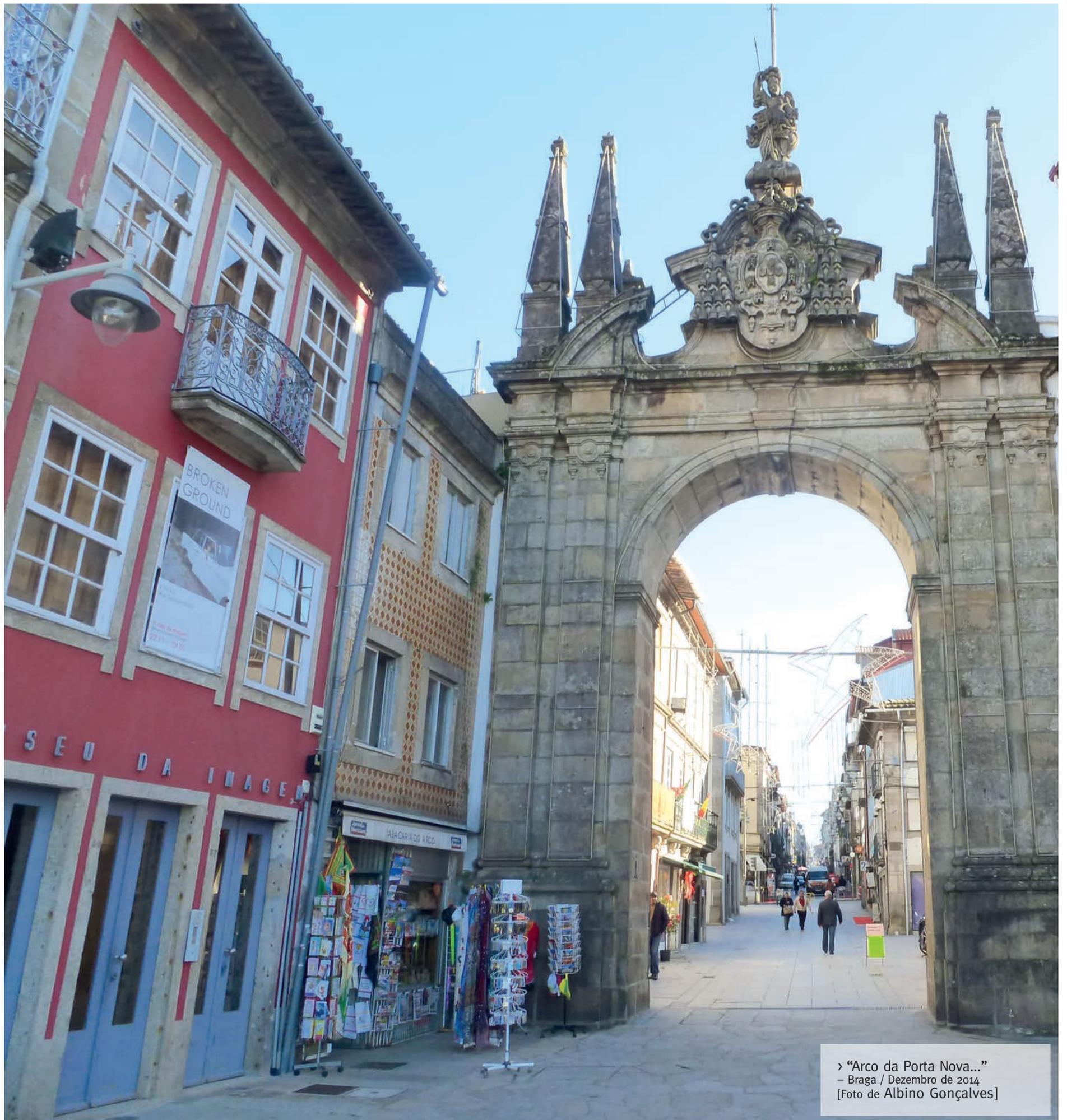


# Cultura

QUARTA-FEIRA • 18 DE MARÇO DE 2015

**Diário do Minho**

Este suplemento faz parte da edição n.º 30617 de 18 de março de 2015, do jornal *Diário do Minho*, não podendo ser vendido separadamente



› “Arco da Porta Nova...”  
– Braga / Dezembro de 2014  
[Foto de Albino Gonçalves]

**Os laureados com o Nobel da Literatura (49)**Por **J. A. Baptista****Albert Camus****Prémio Nobel da Literatura em 1957**

O romancista, ensaísta, dramaturgo, jornalista e filósofo Albert Camus nasceu em Mondovi, Argélia, no dia 7 de novembro de 1913, e faleceu em Villeblevin, França, em 4 de janeiro de 1960. Fortemente comprometido com a "Resistência Francesa", na sua terra natal viveu sob o signo da guerra, da fome e da miséria – elementos que, aliados ao sol, formam alguns dos pilares que orientaram o desenvolvimento do pensamento deste escritor que viria a ser galardoado com o Nobel da Literatura em 1957, por (nas palavras do júri da Academia Sueca) ter concebido uma produção literária "com seriedade lúcida", através da qual "ilumina os problemas da consciência humana".

Camus cedo "conhece" a tragédia humana, já que seu pai morreu em 1914 (tinha o futuro escritor apenas um ano de idade...), na batalha do Marne, durante I Guerra Mundial. Sua mãe foi obrigada a mudar-se para Argel, para casa da sua avó materna, no famoso bairro operário de Belcourt – onde, anos mais tarde, durante a guerra de descolonização da Argélia, houve um massacre de muçulmanos.

Com uma infância marcada pela pobreza – mas também marcada pela felicidade do contacto com a natureza... –, Albert Camus foi prossequindo os estudos um pouco "ao arrepio" dos desejos da sua família, que tinha grandes dificuldades económicas. Valeu-lhe o seu professor da escola primária, que viu nele um jovem de grande talento para a escrita. Acabou por se licenciar em Filosofia, doutorando-se de seguida com uma tese sobre o Pensamento de Santo Agostinho.

Após o doutoramento, a sua débil saúde não lhe permitiu seguir a ambicionada carreira de professor. Sofrendo de tuberculose, esta doença deu-lhe a "real dimensão" da possibilidade quotidiana de morrer, problema que viria a ser fundamental no desenvolvimento de sua obra filosófica e literária. Leitor "obsessivo", interiorizou os dilemas e conflitos existenciais já desenvolvidos por outros escritores de grande nomeada, como Franz Kafka e Dostoiévski, refletindo-se esses assuntos na sua obra.

Mudou-se para a França em 1939, pouco antes da invasão alemã. O seu primeiro livro foi "O Aveso e o Direito", que, tal como "Bodas em Tipasa", foram publicados quando ele ainda residia na Argélia. Amigo de Sartre (com quem viria a desentender-se no final da vida), o seu livro mais famoso foi (e ainda continua a ser...) "O Estrangeiro". ▀

**ESTANTE****Em Busca das Borboletas**

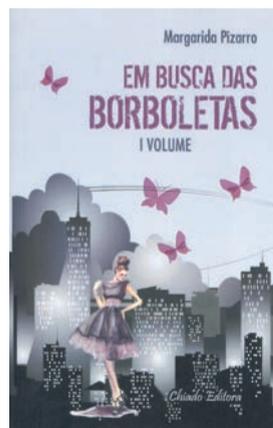
– Um livro de ficção da jovem escritora vimaranense

**Margarida Andreia Ribeiro Pizarro**

A Chiado Editora acaba de publicar o primeiro romance da jovem escritora Margarida Andreia Ribeiro Pizarro, nascida em Guimarães em 1983. Formada em Química (Ramo Têxtil) pela Universidade do Minho, Margarida Pizarro gosta de livros que a levem "para o mundo dos sonhos", circunstância que é bem notória neste romance (que se estende ao longo de 442 páginas).

A protagonista do livro é Maria Mendes, uma luso-americana apaixonada por moda que decide "deslocalizar-se" para Nova Iorque, em busca dos seus sonhos. Inseparável das suas melhores amigas – Joan e Alicia –, Maria Mendes vive uma amizade com laços profundos impossíveis de quebrar. O seu mundo aparentemente perfeito é alterado quando conhece o irresistível futuro candidato a "mayor", Dale Sloan. Sem conseguirem evitar, apaixonam-se, vivendo uma intensa história de amor. Mas as diferenças entre os seus mundos acabam por ameaçar a felicidade de ambos, manchando com dúvidas um futuro a dois. Mas o amor acaba por vencer todas as barreiras...

"Em Busca das Borboletas" é um romance que nos faz entrar, simultaneamente, no mundo mágico da moda e na realidade viciante da política americana. Alegria, drama, ação, "suspense", diversão, política, paixão e muito amor são os "ingredientes" desta história mágica com que a talentosa autora consegue prender-nos a atenção desde a primeira até à última página. ▀ V.B.V.

**Do Reino das Sombras**

– Figurações da morte

Um conjunto de ensaios publicado pela "Aletheia" (Associação Científica e Cultural da Fac/Fil)



"Do Reino das Sombras – Figurações da Morte" é um avantajado volume (de 662 páginas) recentemente publicado pela "Aletheia" – Associação Científica e Cultural sediada na Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica. Trata-se de um volume organizado por Ana Paula Pinto, Carlos Bizarro Morais, João Amadeu Silva, João Carlos Onofre Pinto, José Cândido Martins, Maria José Lopes e Miguel Gonçalves – no qual se reúnem cerca de seis dezenas de ensaios que servirão de "mote" ao Congresso Internacional realizado naquela Faculdade, sob o mesmo título.

Numa "nota" de abertura, os organizadores salientam o seguinte: "O volume que agora damos à estampa corresponde a uma nova etapa de um processo que vem amadurecendo há alguns anos. Respeitando o objetivo fundamental de promover e aprofundar uma reflexão crítica estimulante sobre a permanência do legado da Antiguidade Clássica na Literatura e na Cultura Ocidentais de todos os tempos, a Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa concebeu e organizou, através do seu Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, um projeto de investigação interdisciplinar centrado nas representações do imaginário mítico. Assim, entre 25 e 27 de outubro de 2012 cumpriu-se o propósito de reunir, numa ampla partilha do saber, cerca de cem investigadores dos dois lados do Atlântico, no Congresso Internacional "Do Reino das Sombras: Figurações da Morte".

Ora, é o "resultado" deste Congresso que agora podemos apreciar neste volume, que reúne, no "catálogo" autoral, alguns dos mais sonantes nomes da Cultura nacional e internacional. ▀ V.B.V.

Completaram-se anteontem (segunda-feira, 190 anos sobre a data de nascimento de Camilo Castelo Branco. Vem, por isso, inteiramente a propósito a publicação, hoje, do 2.º artigo da *série* “Em Braga com Camilo”, da autoria do Doutor João Paulo Braga – docente da Universidade Católica/Braga. Recordamos que o 1.º artigo desta *série* foi publicado nas edições do caderno “Cultura” de 8 e 15 de outubro de 2014.

# Castelo Branco Camilo

## Coração, cabeça, estômago... e um par de calças!

A 5 de janeiro de 1857, escrevia Camilo Castelo Branco ao amigo José Barbosa e Silva, confidenciando-lhe o novo e intenso amor em que ardia o seu coração:

«Olha: há meses, 2 ou 3, houve uma bela mulher que me chegou à alma. Cuidei que ressurgia! Amei-a tanto, sonhei-a, adorei-a, consubstanciei-a comigo, tracei um caminho de flores no meu porvir com ela. E vai depois, prendo-lhe os olhos e o coração,

reconheço-a ferida do mesmo golpe, e instantaneamente vem a desanimação, o gelo, o estado normal! Sabes como se fica depois destas vibrações galvânicas? Se sabes... E era tão linda, tão cheia de sentimentos grandes! Gosto tanto de ler ainda hoje as cartas dela, onde transluz fé, e inocência! Fé em mim! Bela transição.»<sup>1</sup>

Sim, é de Ana Plácido que fala Camilo. Mas o “caminho de flores”

que, nas asas da paixão, traçou naquele momento, não poderia ser percorrido sem que ambos tivessem, primeiro, de afastar muitos espinhos. Ana Augusta Plácido, filha de António José Plácido Braga, comerciante bracarense estabelecido no Porto, casara, em 1850, aos 19 anos, com um capitalista minhoto, oriundo de S. Miguel de Seide, brasileiro de tornaviagem, Manuel Pinheiro Alves, de 43 anos de idade. Em 1859, Ana Augusta abandona o lar conjugal, levando consigo o filho, nascido em 1858, e passa a viver maritalmente com Camilo. No intento de abafar o escândalo e de separar os amantes, Pinheiro Alves impõe a entrada da esposa no convento, assumindo todas as despesas. Camilo e Ana, perante as dificuldades económicas e temendo o processo por adultério, cedem à vontade de Pinheiro Alves. Ana Plácido recolhe-se com o filho ao Convento da Conceição, na cidade de Braga (atual Instituto Monsenhor Airosa), a 27 de junho, esperando que melhores circunstâncias sobreviessem para tornar menos espinhosa aquela paixão. Não deixou, porém, Ana Plácido de impor as suas condições (obras na cela, móveis, presença do filho, ama, mesada, só faltava exigir licença para as visitas de Camilo...), cuja satisfação conse-

guiu obter, graças à proteção de uma pessoa de prestígio entre a fidalguia nortenha, D. Manuel da Prelada, e ao papel mediador no conflito com o marido desempenhado por Francisco de Paula da Silva Pereira, figura ligada a personalidades influentes no meio portuense, amigo de Manuel Pinheiro Alves e do cunhado deste, António Bernardo Ferreira (e de Camilo...). A ele, Silva Pereira, escrevia Ana Augusta, ainda antes da entrada no convento, a propósito da necessidade de obras na cela e de todos os preparativos exigidos:

«Eu julgo desnecessário dizer-lhe que a minha posição conquanto seja precária deve por honra de todos ser muito decente. Escolhi de combinação com o Sr. Ferreira alguma louça mas não sei ainda quem há de satisfazer esta despesa, nem as da roupa que como lhe disse preciso. Isto está para breve, e eu não queria entrar sem ver estas coisas convenientemente arranjadas. Desminta essas cartas que vão daqui, e creia que sou sempre uma mulher de caráter firmes nas convicções e ideias.»<sup>2</sup>

Com esse “caráter firme”, com a determinação que só as grandes paixões dão às heroínas român-

## Em Braga com Camilo (II)



POR

**PROF. DOUTOR**

**JOÃO PAULO BRAGA**

UNIVERSIDADE CATÓLICA / BRAGA

ticas — a mesma que já demonstrara quando, perante o marido e os amigos, proclamara: «Camilo é o homem de que gosto, e o único que julgo capaz de fazer a minha felicidade»<sup>3</sup> —, voltava D. Ana a escrever a Francisco de Paula da Silva Pereira:

«Depois de muitos empenhos consegui do Sr. Arcebispo licença para a entrada do meu filho nesta casa três vezes por semana.

A senhora Abadessa recusou obedecer a esta ordem e continuou a exigir o breve do núncio. Sofri tudo isto com resignação até que há poucos momentos soube que se me nega falar às pessoas que me procuram. Permita-me que lhe fale com franqueza, Sr. Francisco de Paula. Na primeira noite que aqui pas-





D. Ana Plácido

sei disse-me uma freira que não falava mais com o Camilo. Eu na impossibilidade de o fazer julguei que era só para ele a proibição. Enganei-me, porém. O Dr. Manuel da Prelada, que foi uma das pessoas que encontrei nesta terra e que se prestou a pedir aos amigos do Arcebispo a licença pedida, veio hoje duas vezes procurar-me, e duas vezes o despediram. Eu, Sr. Francisco de Paula, já não estou neste caso. Não tenho dentro deste convento a quem dar satisfações, e se me não consentem inteira liberdade e o meu filho saio imediatamente daqui. Se me não arranjam a licença procuro ocasião em que esteja a porta aberta — o que

louvado Deus acontece muitas vezes — e fujo. Digo-lhe isto com a firmeza de carácter que deve ter-me conhecido. Se me quiserem arranjar outro convento muito bem. Se não quiserem, resta-me um irmão que não chamarei de balde. Amanhã mando suspender a obra e espero a sua resposta no seguinte correio.»<sup>4</sup>

E o "irmão", com efeito, está vigilante, trocando telegramas com a amada:

«A tua carta deixa-me alegre. Podes escrever-me que eu não parto ainda. Faz muitos carinhos ao teu nino que hoje recebeste. Crê na felicidade, minha amiga.»<sup>5</sup>

"Nino" era o tratamento carinhoso de Ana a Camilo, que lhe terá enviado por correio um retrato ("o teu nino que hoje recebeste"), para que melhor pudesse suportar as saudades. Noutra mensagem de Camilo, lê-se:

«Diz-me se sentes algumas melhoras. Sabes em que estado me deixaria a tua carta, ainda assim agradeço-te mais a sinceridade que as consolações inúteis: diz-me sempre a verdade. A qualquer hora que queiras sair, chama a tua amiga. Não posso consolar-me nem dar-te alívio de outro modo.»<sup>6</sup>

A "tua amiga"?!... Para evitar a interceção dos telegramas, que

poderiam ser apresentados como prova de adultério, Camilo usava romanescamente, nesta correspondência, o criptónimo *Ermeninda Pereira da Costa*. O último telegrama de Camilo, com data de 3 de agosto de 1859, diz:

«Às 7 horas da manhã tens a carruagem. Espero-te onde te disse. Vens para a tua casa na Picaria. Nunca me conheceste, filha? Estás perdoada pelo que tens sofrido.»<sup>7</sup>

E de facto, qual herói camiliano, Camilo entra em ação para raptar a amada. À portaria do convento parou uma carruagem, proveniente do Porto, para levar à Cidade Invicta a recolhida, seu filho e a ama. Outra carruagem chega para transportar os móveis. Viajam pela estrada do Porto; no caminho, Camilo aguarda-os, noutra carruagem. Ana junta-se ao amado, seguindo os dois como noivos em lua de mel. Entram em Famalicão por volta do meio-dia, hospedando-se na "Estalagem do Gaspar". Já com a criada e o menino, rumam ao Porto, para uma casa na rua da Picaria<sup>8</sup>. Depois, já toda a gente sabe: o marido traído, falhadas as tentativas de separação dos amantes, move-lhes processo por adultério, do qual resulta a condenação de Camilo e Ana Plácido aos cárceres da Relação do Porto. Pouco mais de um ano depois (16 de outubro de 1861), absolvidos em julgamento, os amantes vão para Lisboa, almejando finalmente começar a percorrer "o caminho de flores", que, aparentemente, só iriam encontrar quando Manuel Pinheiro Alves morre, em julho de 1863, deixando em herança ao filho, Manuel Plácido (filho de Camilo, dizem as más-línguas...), os seus avultados haveres — que ficaram sob administração da mãe —, nos quais se incluía a quinta de S. Miguel de Seide, para onde vão viver, já com o filho Jorge, em finais de 1863.

A cidade de Braga, e não somente o Bom Jesus, esteve, assim, ligada, pelo coração, a Camilo Castelo Branco, sendo palco de um capítulo importante do romance do romancista. Assentando, pois, a sua "tenda nómada" no Minho, Camilo vinha frequentemente a Braga, aqui passando algumas temporadas, como se pode comprovar pelas inúmeras referências presentes na sua imensa correspondência epistolar. Vários motivos o prenderam à cidade dos Arcebispos, ao longo desses quase trinta anos em que viveu em Seide. Depois

do coração, a "cabeça" prendeu Camilo a Braga. Na sua infatigável atividade de escritor, relacionou-se, naturalmente, com figuras da intelectualidade bracarense; colaborou em jornais da terra, como aconteceu na polémica "sobre o patriotismo de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires", que opôs *O Bracarense* a *O Partido Liberal*, para o qual escreveu, jornal dirigido pelo seu amigo, cónego da Sé de Braga, Joaquim Alves Mateus.<sup>9</sup> A filha, Bernardina Amélia, fruto, como se sabe, dos amores juvenis de Camilo com Patrícia Emília de Barros, tendo sido educada no Convento de S. Bento da Ave-Maria, no Porto, donde saiu para se casar com o capitalista português António Francisco de Carvalho, anuncia uma estada em Braga para a recolha de elementos na preparação da obra *Maria da Fonte*:

«Tenho precisão de ir a Braga e demorar-me dez ou doze dias nuns estudos necessários a um livro *A Maria da Fonte*.»<sup>10</sup>

Aqui vinha ele muitas vezes atraído pelo faro de livros antigos, seus bons amigos nas noites de insónia de S. Miguel de Seide. Ao visconde de Ouguela, escrevia em 1874:

«Estive em Braga dois dias, onde me levou o faro de uns livros velhos. O antigo tabardão supura às vezes; enquanto tu vais para a feira da Ladra, vou eu às alcovas dos abades que morrem espreitar-lhes o espólio literário que, por via de regra, consiste em 2 Breviários, e um Larraga.»<sup>11</sup>

E ao amigo e vizinho António Vicente, proprietário do Mosteiro de Landim, falava, em carta, de livros comprados em Braga:

«Dos livros que comprei ao fogueteiro de Braga, e que já chegaram, aproveitei 215. Vamos indo, que já não é mau. Restos de maior quantia. Disse-me ele que lhe vieram duma casa fidalga, mas calou-lhe o nome. Os fidalgos arruinados do Minho não sendo hoje mais letrados, e tendo mais fome que os avós, acham que livros não são cousa que se coma, e preferem reduzi-los àquilo com que se compram presuntos. Feita a escolha dos livros em termos, ficaram-me duas cestadas que não desviarei da sua alegre missão de embrulhar bombas. Outra coisa; está o meu amigo seguro de que tudo na Pedrinha foi miudamente rebuscado, e

de que não há por lá mais livros ou papéis? Seria bom averiguar isso, enquanto por lá não surge também algum fogueteiro que os traduza em bombas de pataco, ou os envie aos deuses em foguetes de 3 respostas.»<sup>12</sup>

Em *Cousas Leves e Pesadas*, uma daquelas miscelâneas em que incluía minudências de erudição esquadrihadas na leitura de velhos alfarrábios e de manuscritos esquecidos, regista as suas andanças de inveterado colecionador de livros antigos pelos alfarrabistas de Braga, começando por um que demorava lá para o fundo da Rua da Água (ou Rua das Águas), uma rua estreita e sinuosa, que, mais tarde, se transformaria na ampla Avenida da Liberdade. O que é um clássico? *Um clássico é um livro que achamos que é clássico, cá pelas nossas razões* — quem o diz não é Italo Calvino, é o tal alfarrabista de Braga:

«Um dia destes fui a Braga. Pedi ao meu ilustrado amigo João de Mendonça que me ensinasse o caminho duns para-deiros de livros velhos, os quais, envergonhados da luz gasosa deste tempo, como que se enfurnam na escuridão dos sótãos da cidade dos Brácaros. O meu amigo, já também inficionado do vírus bibliómano, conhecia perfeitamente as luras dos honrados portugueses de há trezentos anos, que, envoltos nas suas alvacentas mortalhas de pergaminho, nos aparecem como espectros acusadores, e particularmente a mim, increpando-me de uns folhetos e libretos com que me ando, há vinte anos, apestando a língua e as almas. Visitámos a primeira caverna situada lá muito ao fundo da Rua da Água. O claviculário daquele tesouro estava jogando a sua busca lambida e mais três parcei-

ros. Não obstante, assim que no grave porte de nossos espíritos lhe demonstrámos o intento de negociar livros, interrompeu o homem a bisca, não sem observar aos parceiros adversos que não podia perder com o sete de trunfo e a sota nas unhas.

Levados ao recôncavo dum sobrado coevo das edições de Manuel de Lira, pedimos ao bibliófilo que nos mostrasse as supremas raridades.

— Clássicos? — perguntou ele, acabando de enfiar as mangas da jaqueta.

— Sim, senhor.

— Aqui está um grande livro! — voltou ele, trazendo um in-fólio da estante pulverulenta.

Era a vida de Santo António de Lisboa, escrita pelo médico Brás Luís de Abreu, e mais exatamente intitulada: *Sol nascido no ocidente e posto ao nascer do sol*.

— Este livro não é clássico — observei eu.

— É sim, senhor! — teimou o sujeito. — Posso mostrar-lho, se quiser, no catálogo da Academia.

— Duvido, peço licença para duvidar — repliquei.

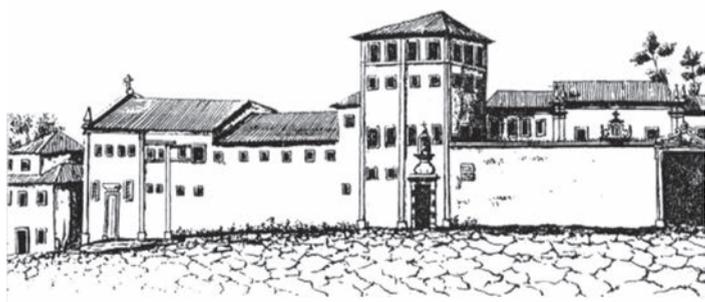
— Pois saiba que é um clássico... Eu cá tenho as minhas razões. Não tive razões que contrapor às do homem, e dei supina prova da minha ignorância, não querendo o clássico por dinheiro nenhum.»<sup>13</sup>

A jornada bibliófila prosseguiu com a ida ao Campo de Santiago:

«Da Rua da Água fomos ao Campo de Sant'Iago à livraria do Sr. padre Fortunato, pessoa inteligente, que conhece o *Dicionário Bibliográfico* e vende os livros pelo duplo dos preços cotados naquele diretório de compradores, que os livreiros desadoram e encomendam ao Diabo.»<sup>14</sup>

Do amigo de Camilo no texto acima citado, João de Mendonça, informa António Arroyo na obra

*Antigo Convento da Conceição (atual Instituto Mons. Airosa), onde esteve "encarcerada" D. Ana Plácido*



*Anúncio publicitário ao Hotel Franqueira, situado (no tempo de Camilo) na atual Avenida Central (Braga)*

*Singularidades da Minha Terra*, onde testemunha as frequentes vindas de Camilo a Braga:

«Camilo morava então em S. Miguel de Seide e aparecia muitas vezes na cidade dos Arcebispos onde tinha um amigo íntimo, amigo meu também, João de Mendonça, que morreu professor de línguas na escola industrial de Guimarães. Era na companhia deste que o grande escritor ia ao *Café do Viana*, na dita Arcada. Ali abancava a uma mesa e conversava com a *jeunesse dorée* da terra para colher ao vivo, suponho eu, os elementos fundamentais da imbecilidade nacional.»<sup>15</sup> Mas Mendonça não era o único amigo bracarense do Mestre, *inficionado*, como ele, do *vírus bibliómano*. A ligação de Camilo à capital do Minho deveu-se, também, às relações de amizade bibliófila com José Joaquim da Silva Pereira Caldas (1818-1903), "professor bracarense" ou "decano do liceu de Braga" (como ele se intitulava), bibliómano e publicista fecundo, que escreveu estudos sobre bibliografia, história, genealogia. O romancista de Seide a ele recorria para esclarecimentos em matérias desse tipo: «D. Ana

e eu lhe agradecemos mui cordialmente a oferta do seu laborioso e utilíssimo trabalho. Na 2ª edição do *Cavar em Ruínas*, se se fizer em minha vida, farei menção da nota do meu amigo.»<sup>16</sup>



*Eleveador do Bom Jesus (que Camilo utilizava para subir até ao templo)*

Outra carta (19/05/1878) testemunha as relações de amizade entre os dois caturras, cimentada pelo gosto dos livros e dos estudos historiográficos, que, como sabemos, Camilo sempre cultivou. Note-se, ainda, o agradecimento

do romancista à disponibilidade — que dispensa — manifestada por Pereira Caldas, como professor do liceu de Braga, para favorecer o filho (Nuno?) nas provas escolares:

«Meu bom amigo

Não acusei a receção dos Apointamentos com que me obsequiou, porque, tencionando ir a Braga como de facto fui, queria agradecer-lhos pessoalmente; mas tive de sair logo daí por ter passado a noute pessimamente. O meu filho não estava no caso de ser honrosamente examinado. Agradeço ao meu amigo qualquer favor que tencionasse prestar-lhe; mas eu nunca consentirei que filho meu obrigue os meus amigos a condescendências e indulgências dessa natureza.

Não anunciei à venda algum opúsculo de Malagrida. Se alguém noticiou que eu o tinha, a ilação de que o vendo foi mal tirada.»<sup>17</sup>

Estas relações bibliófilas chegavam também a ser comerciais. Camilo e Pereira Caldas vendiam e compravam um ao outro raridades bibliográficas:

«Os livros italianos e ingleses estava-os eu encaixotando para irem para Lisboa. Deixo de fora os que V. Ex.<sup>a</sup> deseja, e daqui lhos enviarei pelos preços que oferece. Vão baratíssimos. Venha quando lhe apetecer um pouco cavaco ao fogão e uma orelheira com feijão branco. É o melhor volume que cá tenho... o porco.»<sup>18</sup>

Nesse campo, porém, nem sempre as coisas corriam com a mesma cordialidade. Camilo, temperamental como era, facilmente esquecia a deferência e a amabilidade anteriormente manifestadas, deixando estalar o verniz; e os livros, que os juntavam, às vezes os separavam, como se vê nesta carta de 12 de junho de 1870:

«Deve-me V. Ex.<sup>a</sup> — 40\$450 reis. Passados oito dias, se V. Ex.<sup>a</sup> me não houver pago com dinheiro, com os mesmos livros, ou com outros, volto a Braga. Lamento a sua posição; mas não me deixo espoliar pelos despejados; pelos infelizes, sim. O Sr. Caldas, se conseguisse reaventar a sua vergonha perdida, poupava-me a mim ao nojo de lhe escrever o necrológio. Há de tê-lo magnífico e monumental.»<sup>19</sup>

Em carta a Inocêncio, o autor do *Dicionário Bibliográfico*, com quem Camilo igualmente se cartou sobre estas questões, refere-se com desdém a Pereira Caldas: «Pieguices de tal qualidade deixo-as de jus e herdade aos Castiços e Caldas.»<sup>20</sup>

Ora, este Castiço, que Camilo emparceirou com o Caldas na referência citada, foi outro amigo bracarense do escritor, também ele publicista e bibliófilo. Fernando Joaquim Pereira Castiço (1835-1888) nasceu em Braga, partindo para o Brasil em 1857. Regressado, colaborou em vários jornais e revistas e, em 1884, publicou a *Memória Histórica do Santuário do Bom Jesus do Monte*. A estima que Camilo lhe tinha testemunham-na estas palavras amigas que lhe dedicou nas vésperas da partida para o Brasil:

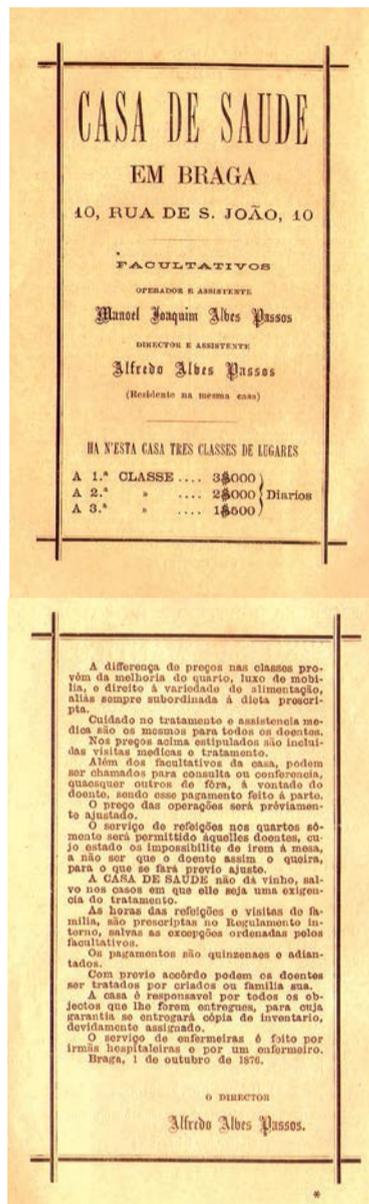
«Eu creio, meu caro Castiço, que não é preciso invocar o dom da profecia para lhe vaticinar um destino glorioso como complemento dos sacrifícios que faz, arrancando-se aos braços dos seus.

Olhe, meu amigo, pátria onde se deixam amigos nunca á pátria bastarda nem maldita...»<sup>21</sup>

Mas o génio instável de Camilo, a sua personalidade irritadica e o seu ferrão satírico não poupavam, em certos momentos, mesmo aqueles a quem costumava demonstrar as maiores deferências. Em nota à margem numa obra que consultava — o *Boletim de bibliographia portugueza* —, a propósito da afirmação de Fernando Castiço, a páginas 39, segundo a qual, à época da independência de Portugal, a falta de confirmação dos bispos portugueses pela Cúria, apesar dos esforços de D. João IV, “era um elemento de fraqueza, introduzido pela intriga castelhana em cada peito português”, Camilo, ridicularizando a crítica historiográfica do amigo bracarense, comenta:

«Que crítica a deste Castiço! Ele ignora que o que haviam de comer os prelados amparou o exército e foi grande parte no triunfo dos defensores da independência.»<sup>22</sup>

Muito interessante é a carta que Camilo lhe enviou em 1884, antes das festas do centenário do Bom Jesus do Monte. O escritor de Seide pede ao amigo que, num intervalo da escrita do seu livro *Memória do Bom Jesus*, lhe reserve quarto num hotel de Braga, que não o *Dois Amigos*, famoso



Anúncio publicitário à Casa de Saúde do Dr. Passos (a que Camilo recorreu)

pelas pulgas e percevejos, que ficava no Campo de Sant'Ana, nº 92 (Avenida Central, junto à Igreja dos Congregados), mais tarde mudado para *Hotel Anselmo*:

«Meu prezado Castiço Necessito demorar-me um mês em Braga, para fazer um tratamento de cento e tantas moléstias com um médico dosimétrico que aí floresce e se chama, creio eu, Ulisses. Terá de ver-se comigo grego como o nome. Eu queria ir antes do Centenário, para encher a minha alma de torrentes de unção e os ouvidos do estridor das orquestras sertanejas, e apascentar estes olhos mortais nos foguetes de três respostas.

Diga-me cá: arranja-se um quarto em algum hotel que não seja o pré-histórico *Dous Amigos*? Esse não: aí há percevejos que podem fazer centenário em vida. No caso de se arranjar, o locandeiro não terá em si oportunamente o espírito da Alvéolos, e não cuidará que eu tenho em mim o imperador dos Brasis?

Ouçó dizer que em ocasião de festas, peregrinos de grossos cabedais se veem obrigados aí a deixar as malas hipotecadas no Banco para pagarem na estalagem.

Se você pode obter um quarto, e não uma caverna de Caco, vou 4.ª ou 5.ª feira. Levante mão um pouco do seu livro e responda ao velho amigo.»<sup>23</sup>

Também o estômago ligou Camilo à cidade de Braga. Não se leia “estômago” como metáfora de gula: Camilo não era (nem podia ser) bom garfo. Leia-se “estômago” como sinédoque das doenças de Camilo<sup>24</sup>, como parte do todo que eram as “cento e tantas moléstias” de que padecia. E um dos clínicos bracarenses a quem recorreu foi o citado Ulisses.

António Ulisses dos Santos Braga (1849-1902) medicava os doentes pelos processos dosimétricos; era filho do industrial de chapelaria José Batista da Silva Taxa<sup>25</sup>. Essa ascendência explorou-a Camilo para, em tom de chalaça, desenvolver uma digressão histórico-genealógica e etimológica, relacionando-a com uns heroicos Fataxas de tempos remotos:

«No século XV ainda florescia na Senhora-à-Branca os descendentes daqueles heroicos Fataxas, com a alcunha um pouco desfalcada por motivos que vou sumariamente extrair do Pergaminho nº 3.

Paredes meias da fábrica dos Fataxas morava outro industrial de chapéus que tinha quatro filhos, três rapazes e uma rapariga. Este homem era dominado pela paixão da filarmónica por atavismo. O avô dele havia sido trombeteiro de D. Pedro, o Cru (1357-1362). Seu bisavô, sineiro da Sé bracarense, foi o criador inconsciente da raça de Quasimodos que ainda hoje se encarapitam por todas aquelas torres da Roma portuguesa e fazem orgias de badalo. O chapeleiro, desviado por interesses das artes líricas, não tocava nada; mas mandou ensinar os quatro filhos. O mais velho tocava corneta de chaves; o imediato, rebeca; o mais novo aprendia harmónico, e a rapariga tocava cravo. Todos quatro em aprendizagem eram uma quadrilha facinora que fazia epilepsias na vizinhança. O chantre da Sé, Mendo Fagundes, um sábio, dizia que os círculos do inferno do Dante comparados ao inferno instrumental daquela casa do chapeleiro eram um Coliseu dos Recreios. E o Fataxa ganhou tamanho horror à música que,

encontrando no seu apelido uma nota musical, Fá, amputou a nota e ficou simplesmente Taxa.

Esta alcunha, transpostos quatro séculos, ainda hoje permanece nos honrados industriais, gente pacata, cujos antepassados, esbatidos na neblina da balada germânica, matavam cavalo e cavaleiro. Aquela família é hoje representada pelo Dr. Taxa, de nome Ulisses, um clínico glorioso que, em vez de matar como seus avoengos, cura dosimetricamente os enfermos que têm fé nos arseniatos e na estricnina ingrata aos cães.»<sup>26</sup>

Era provavelmente a esse médico que o escritor se referia em carta à filha:

«Será muito bom estar a gente em casa enquanto o Sol não sai dos seus incógnitos esconderijos, mas eu amanhã torno para Braga piedosa.

Não vou para o Senhor do Monte nem levo comigo alguém que possa ter partilha nos meus tédios, nem sacrificar-me às veleidades doentias do meu atribulado espírito.

Mandei preparar um quarto no *Hotel Real* para mim, outro para

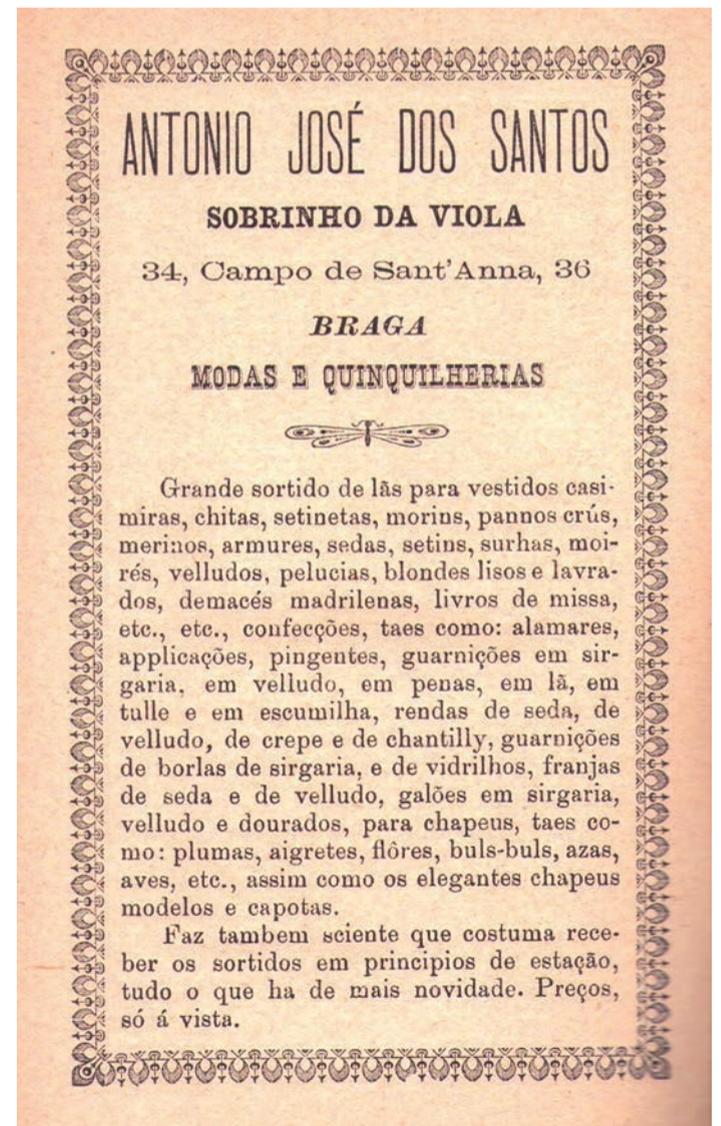
um criado, e uma manjedoura para a égua. Como tenho de fazer um tratamento prolongado e bastante heroico, preciso estar sob a vigilância dum médico. Consultei lá um notável e miraculoso doutor que promete curar-me com aquilo que com que a excelentíssima câmara municipal mata os cães vadios — com estricnina. Vou pois regenerar-me pelo mais enérgico dos venenos. Já tomei três doses; e desde que os tomo até que, meia hora depois do almoço, sinto agonias esquisitas — sinal de que me faz bem a estricnina. (...)

Olha: como não tenho aí a quem recorrer, que mais de boa vontade me obsequie, pede ao Sr. Carvalho que me envie para Braga 6 (só 6) garrafas do seu vinho de mesa.»<sup>27</sup>

O *Hotel Real* ficava situado na Rua de S. João.

Outro importante facultativo de Braga que tratou Camilo, principalmente nos últimos anos de vida, foi António Maria Pinheiro Torres e Almeida (1840-1901). Preterido num concurso para a Escola Médico-Cirúrgica do Porto

Anúncio publicitário a um estabelecimento comercial de Braga ao tempo de Camilo



em favor de Guilherme Gomes Coelho (Júlio Dinis), fixou-se na sua terra natal, onde prestou importantes serviços como clínico do Hospital de São Marcos.<sup>28</sup> Camilo fala dele numa carta a Ana Plácido:

«Ontem falaram-me no caminho em um novo sistema médico que está fazendo prodígios. O Pinheiro Torres aplica-o com grande vantagem. Logo que eu vá, irei a Braga consultá-lo sobre a tua moléstia e sobre a minha.»<sup>29</sup>

Em *Dois Anos de Agonia*, compilação de correspondência de Camilo e Ana Plácido, entre 1888 e 1890, a Freitas Fortuna, o amigo em cujo jazigo de família, no cemitério da Lapa, no Porto, quis ficar sepultado o romancista, ocorrem várias referências a Pinheiro Torres. Em carta enviada do *Hotel do Parque*, no Bom Jesus, informa Ana Plácido sobre os padecimentos de Camilo:

«A noite de hoje foi boa quanto a dores. Ainda não foi das piores. Concorreu para isso ter ontem às 8 da noite mandado recado ao Dr. António Maria Pinheiro, que esteve a animá-lo até meia-noite».<sup>30</sup> Noutra carta, enviada de Braga, diz: «Está também no uso dos remédios receitados pelo Pinheiro Torres, que diz ter muitas esperanças de o levantar ainda deste abatimento. Deus o ouça, que bem longa já tem sido esta prova dolorosíssima.»<sup>31</sup>

Camilo foi tratado também por outros médicos em Braga, como o Dr. Alfredo Alves Passos, em cuja Casa de Saúde, na Rua de S. João, passou temporadas:

«Em princípio de abril vou para uma Casa de Saúde de Braga onde tenciono passar o verão, sozinho, sem cuidados, sem inquietações. Vou tentar um radical tratamento, começando pelo da alma, e depois veremos o que fazem três meses de paz e de dieta. O diretor da Casa de Saúde é o médico Passos em quem tenho confiança. Depois eu gosto muito dos arrabaldes de Braga, e costumo sentir-me ali melhor que em outra parte.»<sup>32</sup>

O *Hotel Franqueira*, situado no Campo de Sant'Ana (Avenida Central) parecia merecer a preferência do romancista, desde que não lhe dessem uma cama de ferro, conforme se lê em carta ao escritor bracarense Cunha Viana: «A medicina manda-me sair de Seide por algum tempo. Escolho

Braga, e em Braga o *Hotel Franqueira*, se lá me derem algumas comodidades. Eu desejava um quarto espaçoso sobre o C. de S.ta Ana, com duas camas, sendo uma de pau. Não posso conciliar o sono em cama de ferro. Esta tolice deve atribuí-la ao nervosismo de mulher histérica. Desejo ir para Braga no dia 15 deste mês; mas não o farei sem que o meu amigo me diga que encontro o que desejo no Franqueira. Quer ter a bondade de lá mandar saber se isto é exequível?»<sup>33</sup>

O desenvolvimento do comércio na velha urbe bracarense ganhava forte impulso por meados do séc. XIX, principalmente com a chegada do comboio em 1875. Num guia turístico da época pode ler-se: «É Braga cidade de considerável comércio. Tem dous bancos, uma associação comercial, uma companhia de iluminação a gaz e muitos estabelecimentos comerciais e industriais.»<sup>34</sup>

Não só de livros vive o homem, e Camilo, como qualquer minhoto daquela época, teria de vir à capital do Minho ou daqui mandar vir utilidades, apetrechos, bens de consumo, roupa ou sapatos..., ou simplesmente tratar de dinheiro no Banco do Minho, cuja sede era no Campo de Sant'Ana (onde hoje continua a funcionar um banco: a Caixa Geral de Depósitos). Aproveitando a estada em Braga por motivos de saúde, pede ao editor Gomes Monteiro:

«Se lhe for possível, queira obsequiar-me enviando-me para Braga pelo banco do Minho a importância da 1ª parte da "Maria da Fonte" que brevemente remeterei. Estou há 24 horas na Casa de saúde. Por enquanto, o que experimento é o negro aborrecimento da chuva e a estranheza de uma casa que me cheira a defuntos.»<sup>35</sup>

Numa das cartas à filha, avisa: «Amanhã vou a Braga tratar de negócios da D. Ana, e talvez me demore alguns dias. Escreve-me para o *Hotel Real* se estiveres para isso.»<sup>36</sup>

É verdade que a sua ligação ao Porto, onde tinha os seus editores, onde tinha a filha e o genro, os quais tornava muitas vezes medianeiros nas compras, talvez o fizesse preferir prover-se lá de alguns bens, como charutos, mas Braga sempre ficava à mão, menos tempo de carruagem ou de comboio. Bem, de comboios era melhor não falar ao Sr. Camilo,



Fachada (na atualidade) do "Café do Viana", situado na Arcada e muito frequentado por Camilo Castelo Branco quando se deslocava a Braga

desde que, em 11 de outubro de 1878, foi vítima do descarrilamento da composição em que viajava de Famalicão ao Porto<sup>37</sup>. Em carta à filha, Bernardina Amélia, Camilo revela que, por medo de andar de comboio, decidiu já não ir fazer compras ao Porto, preferindo fazê-las em Braga, para onde se deslocaria de carruagem:

«Devíamos ir hoje ao Porto fazer compras urgentes, e entre estas uns papéis do governo, mas os meus pressentimentos, robustecidos pelos de D. Ana, levamos para Braga, e de carruagem porque me quer parecer que não entrarei em vagão enquanto eu vir que os engenheiros comissionados pelo Governo declaram que as solipas da via-férrea estão podres, e não vejo que o engenheiro construtor nem qualquer outro venha dizendo que elas estão sãs.»<sup>38</sup>

Em algumas cartas endereçadas a Bernardina Amélia, que tinha casa na Rua da Restauração, no Porto (tinha também uma quinta em Valbom), vemos Camilo com as calças na mão, por causa de umas calças que tardavam em chegar de Braga, indispensáveis para ir passar o carnaval com a filha e a família dela:

«4ª ou 5ª feira por aí tens o teu papá, se chegarem as calças. Estas calças são o facto mais palpitante da minha vida atual. Penso nelas como o Aires de Gouveia na mitra do Algarve, e uma noiva na coroa de laranjeira.»<sup>39</sup>

Nem na correspondência parti-

cular perdia Camilo oportunidade para aludir em tom de troça a Aires de Gouveia, de quem fez memorável sátira n' *A Queda dum Anjo*.

Noutra carta, continua a lamentar, sempre chocarreiro, o atraso das calças:

«Estou aqui embargado por não ter que vestir. Cheguei a esta desgraça. Estou pagando as janotices da mocidade. Se amanhã, como espero, me chegar de Braga uma farpela, que já esperava ontem, vou na segunda-feira. Visto que querem de boa vontade o flagelo da minha companhia, irei lá ter e talvez almoçar na 2ª feira. Mas não me esperem porque tudo é incerto.»<sup>40</sup>

O tempo passa, e Camilo continua com as calças... na mão: «Eu tenho muito desejo de ir ver os meus bons Amigos, mas não tenho calças. Cheguei a esta desgraça. Mande fazer umas a Braga, e logo que possua esta almejada opulência de umas calças aí vou, mais feliz que D. Sebastião, que não tinha calções.»<sup>41</sup>

E as calças não chegaram. Teve de passar o carnaval em casa:

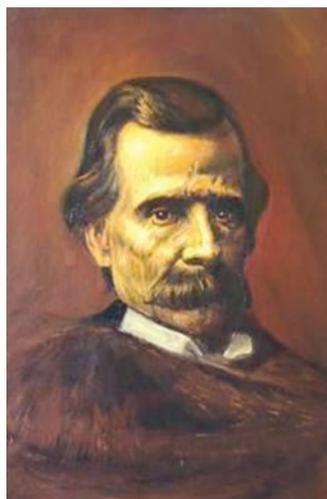
«Que carnaval! Jogo o entrudo com as pernas dando-lhes bisnagas de terebentina. Aqui tens o mais carnavalesco dos infelizes pais! As calças, considerando as pernas indignas, também não aparecem. O meu luxo decerto me não leva à cadeia. É mais

natural que me leve ao Asilo de Mendicidade.»<sup>42</sup>

Afirma Alberto Pimentel que a cidade de Braga não mereceu de Camilo o mesmo carinho e respeito que dedicou ao Bom Jesus; aqui e acolá, na sua obra, o romancista dá alguns "piparotes" à reverenda *Brachara Augusta*<sup>43</sup>. A Sena Freitas, por exemplo, escreve, queixando-se da sobrelotação dos "hotéis" de Braga:

«Gorou-se o meu forte desejo de ir acompanhá-lo no seu estacionamento de lázaro (ou V. Ex.ª não fosse lazarista!) em Braga. Sabe o que me impede? A falta de agasalho em Braga, onde há tantos hotéis, quero dizer tavernas. Não achei um quarto, e recebi do Franqueira um telegrama à hora em que ia partir. Atribuo a enchente ao chamariz da feira de burros: eles estão sófregos das manjedouras da terra; devem ser os banqueiros falidos do Porto e as caravanas de brasileiros que, camelos de si próprios, aí vão encher os bócios de frigideiras.»<sup>44</sup>

As cartas de Camilo, principalmente à filha — que são sempre das mais sinceras —, provam, porém, que não era bem assim. Camilo cravou algumas vezes, como era seu timbre, o ferrão satírico na cidade e nas suas gentes, mas vários passos atestam a estima que sentia por Braga<sup>45</sup>, onde reconhecia encontrar alívio para as suas dores, mesmo descontando o suplício das pulgas e dos percevejos, especialmente do hotel *Dois Amigos*. Ao amigo poveiro



Gomes de Amorim escreve:

«De acordo. Nada de banhos. Ando de terra em terra há 15 dias. Em Braga respiro melhor; mas as pulgas são aos cardumes por aquelas estalagens — pulgas antigas, cobras dos Bartolomeus dos Mártires e Caetanos Brandões.»<sup>46</sup>

Dos ares benéficos de Braga fala também à filha:

«Eu, assim que o tempo e alguma saúde mo permitirem, vou para Braga, onde algumas vezes tenho encontrado alívio.»<sup>47</sup>

E, noutra carta à filha, por altura das festas de 1884, comemorativas do centenário do Bom Jesus, convidava-a a encontrar-se em Braga com ele, se possível trazendo a neta, Camilinha. A "Sintra do Norte" não era a mesma coisa que Sintra, mas Camilo mostra-se grato a Braga pelas melhoras que lhe costumava proporcionar:

«Desisto das Caldas. Quer-se um certo vigor que já não tenho para reagir à ação das águas minerais. Cada vez mais abatido e desalentado. Passadas as festas de Braga, irei para lá. Se quiseres e puderes, irás estar uns dias comigo, no Bom Jesus não, que é muito triste e monótono, mas em Braga, num hotel que me dizem ser sofrível. A Camilinha essa não ousou disputá-la ao pai, mas, se o pai quisesse, iria também em vez de ir para Sintra. Isto é um modo de falar, porque não há termo de comparação entre Sintra e o Campo de S.ta Ana. Eu devo àquela terra umas certas melhoras sempre que lhas peço. Pode ser que vá tarde agora, mas, por gratidão, irei.»<sup>48</sup>

Ainda dirigindo-se à filha, convidava-a, uma vez mais, a vir ter com ele a Braga:

«Amanhã vou eu para Braga, porque me sinto aqui muito oprimido. Estarei lá até domingo. Se quisesse ou pudesse ir, enviavas-me um telegrama e eu ia buscar-te.  
(...)

N.B. Em Braga vou estar nos 2 Amigos.»<sup>49</sup>

Ao amigo Visconde de Ouguela, diz:

«Estou à espera de dias serenos para ir a Braga, onde tenho achado algum alívio. Afinal, tudo que sofro é uma coisa vulgar — a caquexia, que me preste, e de que Deus te livre.»<sup>50</sup>

Chegou mesmo a fazer planos de fixar residência em Braga, conforme se lê noutra carta a Ouguela, em setembro de 1874:

«Estou resolvido a ir residir em Braga. Ali é-me fácil e mais econômica a educação dos rapazes. Além disso, o clima é ótimo.»<sup>51</sup>

Não se concretizou essa intenção, mas, tantas vezes aqui vinha, tão íntima foi a sua ligação a Braga, pelo coração, pela cabeça, pelo estômago... e pelas calças, que lhe deu um conhecimento profundo das características físicas, sociais, históricas e culturais da cidade, que bem soube aproveitar na sua obra literária. Através dela, continuaremos a passear por Braga, com Camilo. ▶

#### NOTAS

- <sup>1</sup> *Correspondência de Camilo Castelo Branco com os irmãos Barbosa e Silva*. Recolha, prefácio e comentários de Alexandre Cabral. Vol. I, Lisboa: Livros Horizonte, 1984, p. 135.
- <sup>2</sup> Marco, Visconde do. *Cartas inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1933, p. 105. Em todas as citações, atualizou-se a grafia, em conformidade com as normas do Novo Acordo Ortográfico.
- <sup>3</sup> Pimentel, Alberto. *Os amores de Camilo*. 2ª ed. Lisboa: Guimarães & C.ª, 1923, p. 262.
- <sup>4</sup> Visconde do Marco, *op. cit.*, p. 107.
- <sup>5</sup> Cabral, Alexandre. *A Via Dolorosa 1859-1860*. Lisboa: Livros Horizonte, 1979, p. 80.
- <sup>6</sup> *Idem*, p. 82.
- <sup>7</sup> *Idem*, p. 103.
- <sup>8</sup> Costa, Sousa. *Camilo – No drama da sua vida*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1959, pp. 245-246.
- <sup>9</sup> *Vd. Cabral, Alexandre. Dicionário de Camilo Castelo Branco*. 2ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003, pp. 109-110, 486-487.
- <sup>10</sup> Castelo Branco, Camilo. *Obras completas*, publicadas sob a direção de Justino Mendes de Almeida, vol. XVIII. Porto: Lello & Irmão Editores, 2002, p. 14.
- <sup>11</sup> *Camilo íntimo. Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco ao Visconde de*

*Ouguela*. Lisboa: Clube do Autor, 2012, p. 174.

<sup>12</sup> *Cartas de Camilo Castelo Branco*. Coleção, prefácio e notas de M. Cardoso Marta. Vol. I, Rio de Janeiro-Lisboa: H. Antunes & C.ª Editores, 1918, pp. 85-86.

<sup>13</sup> *Cousas Leves e Pesadas*. In: *Obras completas*, vol. XV, pp. 115-116.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 117.

<sup>15</sup> Arroyo, António. *Singularidades da minha terra*. Porto: Edição da "Renasença Portuguesa", 1917, pp. 34-35.

<sup>16</sup> Carta com data 30 de julho de 1867 (Costa, Júlio Dias da. *Escritos de Camilo*. Lisboa: Portugália Editora, 1922, p. 78).

<sup>17</sup> *Cartas de Camilo Castelo Branco*. Coleção, prefácio e notas de M. Cardoso Marta. Vol. II, Rio de Janeiro: H. Antunes & C.ª Editores, 1923, p. 177.

<sup>18</sup> *Idem*, pp. 170-171.

<sup>19</sup> *Idem*, pp. 171-172.

<sup>20</sup> Costa, Júlio Dias da. *Novas palestras camilianas*. Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1936, p. 80.

<sup>21</sup> *Idem*, pp. 79-80.

<sup>22</sup> Cabral, António. *Camilo de perfil*. 2ª ed. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertand, pp. 174-175.

<sup>23</sup> *Cartas de Camilo Castelo Branco*, ed. Cardoso Marta, II, pp. 99-100.

<sup>24</sup> Em carta a Vieira de Castro: «Antes de ontem reuni aqui três médicos. Não sei o que pensam de mim. O de Braga chama gastralgia à moléstia. O de Guimarães também. E o das Taipas, que cura há 60 anos, ainda não sabe o que é...» (Camilo Castelo Branco, *Obras completas*, vol. XVII, p. 467).

<sup>25</sup> *Vd. Lemos, Maximiano. Camilo e os médicos*. Porto: Editorial Inova, 1974, pp. 281-283.

<sup>26</sup> Castelo Branco, Camilo; Sarmento, Francisco Martins. *Óbolo às Crianças*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1887, p. 9-10.

<sup>27</sup> Figueiras, Paulo de Passos. *Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco à filha Bernardina Amélia, ao genro e à neta*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2002, pp. 70-71.

<sup>28</sup> *Vd. Maximiano Lemos, op. cit.*, pp. 202-206.

<sup>29</sup> Júlio Dias da Costa, *Escritos de Camilo*, p. 55.

<sup>30</sup> *Dois anos de agonia. Cartas de Camilo e Ana Plácido a Freitas Fortuna*. Prefácio e notas de Júlio Dias da Costa. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.ª, 1930, p. 24.

<sup>31</sup> *Idem*, p. 16.

<sup>32</sup> Figueiras, *op. cit.*, p. 78.

<sup>33</sup> Júlio Dias da Costa, *Novas palestras camilianas*, p. 127.

<sup>34</sup> *Elucidário do viajante em Braga*. Porto: Livraria do Editor Jacinto António Pinto da Silva, 1875, p. 5.

<sup>35</sup> Camilo Castelo Branco, *Obras completas*, vol. XVIII, p. 721.

<sup>36</sup> Figueiras, *op. cit.*, p. 75.

<sup>37</sup> *Vd. Alexandre Cabral, Dicionário de Camilo Castelo Branco*, pp. 287-288.

<sup>38</sup> Figueiras, *op. cit.*, p. 80.

<sup>39</sup> *Idem*, p. 72.

<sup>40</sup> *Idem*, p. 73.

<sup>41</sup> *Idem*, p. 85.

<sup>42</sup> *Idem*.

<sup>43</sup> Pimentel, Alberto. *O torturado de Seide*. Lisboa: Livraria de Manoel dos Santos, 1921, p. 190.

<sup>44</sup> Camilo Castelo Branco, *Obras completas*, vol. XVIII, p. 773.

<sup>45</sup> «Apesar de tudo, Camilo gostava desta cidade.»: Simões, Manuel. "Braga camiliana". In: *Forum*, nº 8, (julho 1990), pp. 5-19 (p. 18).

<sup>46</sup> Camilo Castelo Branco, *Obras completas*, vol. XVIII, p. 849.

<sup>47</sup> Figueiras, *op. cit.*, p. 157.

<sup>48</sup> *Idem*, p. 133.

<sup>49</sup> *Idem*, p. 74.

<sup>50</sup> *Camilo íntimo*, p. 283.

<sup>51</sup> *Idem*, p. 169.

## Histórias da Nonô <sup>(13)</sup>

# Beijos de mel...



POR

**LUÍS DA SILVA PEREIRA**

PROF. DA UNIVERSIDADE CATÓLICA

(BRAGA)

SPEREIRA@BRAGA.UCP.PT

É preciso dizer a verdade. A Nonô nem sempre andava alegre e sorridente. Às vezes, acordava mal disposta, ninguém sabia porquê. Nem ela. Acordava assim e pronto. Choramingava, esfregava os olhos, não queria tomar banho, não queria vestir-se, não queria pentear-se, não queria comer, não queria brincar, não queria beijos de ninguém, não queria nada. Virava as costas a tudo, parecia zangada com as pessoas e as coisas e só sabia dizer não, não e não. Num dia desses, depois de acordar, o avô foi ter com ela à cama e, como sempre fazia, quis dar-lhe um beijo, antes de sair. Bruscamente, ela virou-lhe as costas, escondeu a cara nos lençóis e resmungou:

– Não quero!

A mãe levantou a voz e disse:

– Nonô! Então!?

Mas ela continuava a teimar, virada de barriga para baixo. A mãe insistiu, zangada:

– Nonô! Isso faz-se? Vamos, dê um beijo ao avô!

E dirigiu-se para a cama, decidida a obrigar a menina a obedecer. Ele, porém, fez-lhe um sinal com os olhos, chamou-a para fora do quarto e disse-lhe, baixinho, ao ouvido:

– Espera. Vou pregar-lhe uma partida.

Dirigiu-se à cozinha, abriu o frasco de mel, molhou o dedo e pôs um pingo na cara. Depois, voltou ao quarto e chamou:

– Nonô, queres ver como os beijos do avô são docinhos? Sabem a mel.

Quando ouviu falar em mel, Nonô vacilou. Não se voltou completamente, mas já olhava de viés e não estava tão renitente como antes.

– Não queres provar? – perguntou ainda o avô.

Nonô voltou-se completamente. Ergueu-se de entre os lençóis, deitou os braços ao pescoço do avô e deu-lhe um beijo no sitio da cara onde ele apontava com o dedo. Lambeu-se e abriu um sorriso. Voltou a dar outro beijo e riu-se ainda mais. O avô retribuiu:

- Eu não te disse? Vês como a minha cara é docinha?

Sorriu e foi-se embora a correr, que já estava atrasado.

Depois, quando voltou, à hora do almoço, veio a saber que a Nonô andara a dizer a toda a gente, muito convencida, que a cara do avô sabia mesmo a mel, como o do frasco que a mãe tinha no armário e que lhe punha no pão! ▶

